

A HOMOSSEXUALIDADE NA TELENVELA *EM FAMÍLIA* DA REDE GLOBO ATRAVÉS DO CASAL LÉSBICO CLARA E MARINA: REPRESENTATIVIDADE E ESTEREÓTIPOS.

Reilange Teixeira Coelho*

José Marcelo Dantas dos Reis **

Universidade Federal do Recôncavo Baiano

Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas

Resumo. O presente artigo traz uma reflexão sobre a homossexualidade na novela ‘*Em Família*’ (2014) através do casal carinhosamente apelidado pelos fãs de ‘Clarina’, com o objetivo de analisar se há estereótipos e/ou representatividade na forma de abordagem para o grupo LGBTI+ . Nos embasamos na teoria *queer*, que visa analisar a dinâmica da sexualidade de acordo a lógica das relações sociais e nos conceitos de estereótipos e representatividade, e enfim, consideramos que a novela tanto serviu para reverberar alguns estereótipos como para trazer situações presentes na realidade das relações homoafetivas.

Abstract. This article brings a reflection on homosexuality in the novel 'In Family' (2014) through the couple affectionately nicknamed by the fans of 'Clarina', with the objective of analyzing if there are stereotypes and / or representativeness in the form of approach for the LGBTI +. We are based on queer theory, which aims to analyze the dynamics of sexuality according to the logic of social relations and the concepts of stereotypes and representativeness, and finally, we consider that the novel both served to reverberate some stereotypes and to bring present situations in the reality of relationships homoffective.

Palavras-chave: Telenovelas, Homossexualidade, Representação, Teoria Queer, Estereótipos.

Introdução

As telenovelas¹ têm um grande espaço televisivo no país, podendo assumir um papel de excitador de discussões inerentes a temas tabus para a sociedade inclusive das temáticas

* Graduanda do Curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências, Linguagens e Tecnologias Aplicadas Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas – CECULT.

** Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas - CECULT. Doutor em Comunicação pela Université de Paris VII - Université Denis Diderot (2000). Lattes: CV: <http://lattes.cnpq.br/8361489389727090>.

¹ As telenovelas são uma forma de arte popular, peças dramáticas geralmente apresentadas em capítulos, em horários regulares. Para saber mais vide o livro O que é Telenovela. Coleção Primeiros Passos. São Paulo. Calza (1996).

homossexuais², considerando que esta atinge uma grande parte dos lares brasileiros. Neste sentido, estamos ponderando que essa pode ter tanto um papel esclarecedor e representador das vivências homossexuais, quanto o de estereotipar informações recortadas que não correspondem a realidade, seguindo uma cultura que acredita ser a realidade ou de até mesmo colocar como real.

Portanto, as inquietações explicitadas neste artigo se referem aos conteúdos produzidos pela narrativa da novela *‘Em Família’* (2014), da Rede Globo, do autor Manoel Carlos, acerca da representação dos personagens lésbicos Clara e Marina, interpretado respectivamente por Giovanna Antonelli e Tainá Muller a partir da teoria *queer*, que visa analisar a “dinâmica da sexualidade e do desejo na organização das relações sociais.” (MISKOLCI 2007, p.2). A teoria *queer* traz dois conceitos: o da performatividade, que significa apresentar homossexuais de acordo as características dos meios em que vivem, criando uma representação normativa, e o de Camp que são homossexuais mais afetados, caricatos e exagerados.

Para tal análise escolhemos diálogos e imagens de cenas dos capítulos 10, 58, 85,111, 136 e 141 da novela, e aplicamos as abordagens queers. Identificamos que há uma manutenção de estereótipos que podem incitar ao ódio e que também há representações das vivências e embates enfrentados por LGBTI+, nesse caso específico das lésbicas.

Neste sentido, primeiro se faz necessário entender os pressupostos da teoria *queer*, bem como os conceitos de estereótipos e representatividade considerados aqui, seguido de uma reflexão da relação entre telenovelas e sociedade brasileira, bem como conhecer uma breve trajetória de novelas da Rede Globo de 1970 até 2013 com abordagens da temática homossexual. É importante conhecer o enredo que envolve o casal em questão e por fim analisar a representação dos personagens Clara e Marina com base na teoria *queer*.

Teoria *queer* – Principais pressupostos

Os estudos *Queer* se iniciaram no final da década de 80, nos Estados Unidos. O termo *queer* era utilizado como forma de ofender o movimento LGBTI+, e Judith Butler³, apontada como uma das precursoras da teoria, juntamente com outros pesquisadores ativistas se

² Homossexuais são pessoas que se sentem atraídas sexualmente ou emocionalmente ou afetivamente por pessoas do mesmo sexo ou gênero. (Manual 2018: 22) para mais vide- Manual de comunicação LGBTI+

³ Judith Butler, professora de retórica e literatura comparada na Universidade da Califórnia em Berkeley, transita por diversas áreas (como a psicanálise, as teorias feministas, gays e lésbicas, e o pensamento pós-estruturalista) para problematizar a identidade, revelando-a provisória e em constante reconstrução.

apropriam do termo de uma forma positiva transformando em sinônimo de resistência no contexto dos movimentos gays, lésbicos e feminista dos Estados Unidos na década de 1980.

A consolidação da teoria *queer* começou na década de 1990, com a publicação do livro *Gender Trouble* “Problemas de Gênero” de Judith Butler, que problematiza ordem natural da sociedade em relação ao gênero, heterossexualidade e sexo. Para ela, a relação não existe somente de forma binária, masculino x feminino, entende-se que o gênero é performativo e vai muito além de homem x mulher. Essas reflexões foram escritas a partir do seminário de Teresa de Lauretis, por nome “*queer*”. Lauretis foi precursora da reflexão sobre gênero, com o termo tecnologias de gênero, que são técnicas de como ser homem e mulher na sociedade. Neste sentido, Rocha (2013) postula que:

O *queer* construiu-se como a ferramenta para uma problematização construtivista de qualquer termo alegadamente universal. Ao mesmo tempo, o *queer* apresentou-se como uma nova possibilidade de identidade, todavia sem pretensões de representar qualquer essência dos que reivindicam. (ROCHA, 2013)

Desta forma a *teoria queer* se apresenta como a quebra do padrão, a luta por novos espaços e nova identidade, sem rótulos. Segundo Colling (2007a), um dos maiores esforços da teoria *queer* consiste na crítica ao que se convencionou a chamar de heteronormatividade, assegurada por aqueles que vêem o modelo heterossexual como correto, único e saudável, e que ainda, segundo (Miskolsci 2007, p.5) expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural e, portanto, fundamento da sociedade. Colling (2007a) e Miskolsci (2007), concordam que o modelo heteronormativo é uma forma de enquadrar-se as normas de ser homem e mulher na sociedade.

Neste sentido uma das teorias desenvolvidas dentro dos estudos *queer* é a teoria da performatividade, que “visa entender como a repetição das normas, muitas vezes feita de forma ritualizada, cria sujeitos que são o resultado destas repetições” (Colling, 2007, p.1), ou seja, como os sujeitos mudam sua forma de ser para enquadrar-se a sociedade. Outro conceito importante nos estudos *queer*, é o de *camp*, que na sua essência corresponde ao exagero, que seriam as atitudes extrapoladas dos homossexuais. De acordo com Lopes como comportamento, “o *camp* pode ser comparado com a fechoação, à atitude exagerada de certos homossexuais, ou simplesmente a afetação. Já como questão estética, o *camp* estaria mais na esfera da brega assumida, sem culpas” (2002 apud COLLING, 2007a, p. 2)

Apesar de defenderem os mesmos ideais, os grupos gays e teóricos *queers* criam tensões em relação a estes conceitos. Uma das tensões é a tentativa de ativistas tentarem mostrar que

homossexuais e heterossexuais⁴ devem ser representados de formas normativas, indo contra o que postula a teoria da performatividade que defende a política da não apropriação. Segundo Colling (2007b)

Esta tensão entre política queer e movimento gay fica visível na forma como os ativistas gays reagem a determinados personagens homossexuais nas telenovelas brasileiras. Em várias ocasiões, por exemplo, o Grupo Gay da Bahia (GGB) ameaçou processar os autores e a própria emissora em função da existência de personagens homossexuais afeminados e/ou caricatos. Em outras ocasiões, teceu elogios quando os personagens “pareciam normais”, sem afetações (COLLING, 2007, p.6)

Consideramos que essas tensões são importantes, embora a teoria *queer* lute contra essas formas de representações, existem pessoas que se identificam com o jeito *camp* e heteronormativo de ser. Se questionarmos sobre o que há de errado em ser heteronormativo ou *camp*? O que há de errado em se identificar com essas representações? Provavelmente chegaremos a uma única resposta, não há nada de errado, apenas depende de como os sujeitos em questão se enxergam no meio social.

Essas formas de representações estão implícitas nas telenovelas brasileiras, em especial as da Rede Globo. Os autores adotam os conceitos de normatividade e *camp*. Colling (2008), traz uma reflexão sobre as abordagens de personagens LGBTI+, nas novelas da Rede Globo.

Realizamos um levantamento geral das telenovelas exibidas pela Rede Globo, de 1974 a meados de 2007. O trabalho destacou três tipos de representações. No início, as telenovelas associaram os personagens à criminalidade. Depois, construíram personagens baseados nos estereótipos da “bicha louca” /afetada e/ou afeminados. Nos últimos anos, especialmente a partir da década de 90, [...], as tramas passaram a representar personagens homossexuais cada vez de uma forma mais heterossexualizada. (COLLING, 2007, p.1)

Neste sentido, percebemos que as rerepresentações heterossexualizadas, são mais frequentes e possivelmente as consideradas mais representativas pelos autores. Os personagens aqui analisados seguem a linha de abordagem da heteronormatividade. Ambas têm características e femininas e comportamentos héteros, não deixando claro a sua homossexualidade.

Considerações sobre Estereótipos e Representatividade

Os conceitos de representatividade e de estereótipos são facilmente confundidos ao passo que estão imbricados no nosso cotidiano. Os estereótipos são diariamente disseminados,

⁴ Indivíduos atraídos por pessoas do sexo oposto de forma, sexual, afetiva ou física (MANUAL, 2018:22) para mais informações vide- Manual da Comunicação LGBTI+

seja pelos meios de comunicação (rádio, TV, jornal, livro) ou nas conversas em rodas de amigos dentre outras atividades. Interferem na nossa percepção de realidade, pois estão enraizados e internalizados e não é possível distingui-lo da normalidade. Segundo Baccega (1998):

Não se pode fazer uma distinção precisa entre conceito e estereótipo, a não ser apontando para o fato de que a descrição da realidade que se obtém através de um processo cognitivo com uma tendência majoritária (não unicamente) objetivo-descritiva, resultando no conceito; ao passo que no estereótipo encontraremos a predominância dos aspectos valorativos, dos juízos de valor, com suas bases emocionais. (BACCEGA, 1998:7)

Em contrapartida Carlo Ginzburg (2001) em “Representação: a palavra, a ideia, a coisa” apud Makowiecky (2003), evidencia a dupla função de representar a falta e continuar uma existência, chamando a atenção para uma ruptura e uma continuidade. Postulando que o processo de representação não é constituído da “imitação” de uma realidade, mas do duplo processo de substituição e (re)criação daquilo ou daquele que se representa, da produção de sentidos, da criação de símbolos e significados, concluindo que o processo de representar é criar e substituir.

Neste sentido podemos compreender que o estereótipo e a representação são um produto da cultura de uma sociedade, construído através de um conjunto de valores pré-definidos para um determinado grupo e sua principal função é naturalizar uma realidade proveniente de uma cultura. Segundo Lippmann (1997)

Quando nos aproximamos da realidade, "não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos". Aí está o estereótipo: são "os tipos aceitos, os padrões correntes, as versões padronizadas". Eles interferem na nossa percepção da realidade, levando-nos a "ver" de um modo pré-construído pela cultura e transmitido pela linguagem. (apud BACCEGA, 1998, p.7)

Assim, leva-se em consideração, o conceito apresentado, não procurando conhecer o real, ou seja, apodera-se das informações já criadas pela cultura e desse modo “o processo de estereotipia se apodera da nossa vida mental” BACCEGA (1998, p.8), pois, “todo relato vem impregnado dos valores e estereótipos da cultura de quem relata” BACCEGA (1998, p .9)

Enquanto que a representatividade significa se ater à efetividade de representar um determinado grupo ou segmento de modo que possa exprimir-se verdadeiramente. Ou seja, “fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, inclusive uma ideia, por intermédio da presença de um objeto” (MAKOWIECKY, 2003, p.3). Portanto, ao se deparar com desconhecido, procura-se dar um significado para este de acordo com a visão de mundo que

tem, ou até mesmo, quando possuímos o conhecimento a ressignificamos de acordo com nossas crenças. Deste modo:

O estereótipo, assim como o conceito, é um reflexo/refração específica da realidade - ou seja, reflete com desvios, como um lápis que, colocado em um copo de água, "entorta" -, mas o estereótipo comporta uma carga adicional do fator subjetivo, que se manifesta sob a forma de elementos emocionais, valorativos e volitivos, que vão influenciar o comportamento humano.(BACCEGA, 1998, p.11)

Neste sentido nos últimos 40 anos as novelas globais vêm trazendo representações de homossexuais caricatas, afetadas consideradas estereotipadas e normativas que dividem opinião dos grupos em relação à estereotipia e representatividade, conforme Colling(2007) aponta em seu estudo, em contrapartida trazem questões inerentes às suas realidades, como os conflitos familiares, aceitação da sua sexualidade, a busca pelo espaço na sociedade. Mesmo demonstrando uma abordagem superficial, é uma representação das questões enfrentadas pelos grupos.

Telenovela e a Sociedade Brasileira

A telenovela brasileira surgiu, por volta de 1963, derivada das radionovelas, como um recurso das emissoras paulistas e cariocas para superar os baixos índices de audiência, porém, ao falar em telenovela pode-se deparar com o discurso de alienação da população ou de estereotipia de determinado grupo. Outro discurso recorrente é o de provocar o distanciamento dos problemas da sociedade.

Embora esses discursos tenham pontos relevantes, é importante entender que as telenovelas ao longo de suas reinvenções tornaram-se uma espécie de modificador social, influenciando na forma de vestir, falar e constituir opiniões a respeito de temas importantes do cotidiano e, mesmo que superficialmente, abordam temas polêmicos, tabus, preconceitos, trazendo uma mensagem que poderá se transformar em reflexão na sociedade através dos telespectadores, por meio de uma linguagem própria, com novos elementos que são distribuídos através do *mass mídia*⁵. Segundo Lopes (2001), “a telenovela no Brasil se incorporou, à cultura do país e é aquela que melhor caracteriza hoje uma narrativa de nação”.

Neste sentido algumas novelas trouxeram dramas vividos por uma parte da sociedade para o cotidiano em suas tramas, influenciando nas discursões e tendo uma relevância significativa

⁵ Mass mídia: conjunto de técnicas difusão de mensagens, ao público, como televisão, rádio, a imprensa dentre outros meios de comunicação social.

para o âmbito social. A exemplo disso, temos as novelas *O Rei do Gado* (1996), com o Movimento dos sem-terra; *Zaza* (1997) com questões sobre a Aids, *Laços de Família*(2000) com a questão da doação de medula óssea; *Páginas da vida*(2006) com questões sobre Síndrome de Down, *Duas Caras*(2008) com a diversidade sexual e racial, *Amor à Vida* (2013) com o beijo Gay e *Em Família*(2014) com a descoberta de uma outra orientação sexual⁶ dentro de um relacionamento hétero. Essas abordagens vão de encontro com o que postula Lopes (2009, p.2), “que por ter conseguido alta credibilidade, a telenovela brasileira tornou-se um espaço público de debates de temas representativos da modernidade que se vive no país, convertendo-se assim em um recurso comunicativo” e seguindo neste raciocínio Peret afirma que:

A telenovela, ao invés de ser apenas um gênero a mais na programação da mídia televisiva, é um produto complexo e dinâmico da cultura característica da era dos meios de comunicação de massa, reunindo aspectos que foram se modificando e adaptando ao longo da história. A telenovela reflete o seu tempo através de uma linguagem própria e do uso de instrumentos técnicos e conceituais em constante evolução. (PERET, 2005, p.28).

Neste sentido as telenovelas tornaram-se um “produto estético-cultural convertendo-se em figura central da cultura e da identidade do país.” Lopes (2009, p.3). Os temas abordados por estas, causam grandes impactos na sociedade. A novela ‘*Em Família*’ (2014) estudada neste artigo foi alvo de uma grande repercussão na mídia digital⁷, devido ao grande conservadorismo. Cogitou-se mudar o rumo do casal em questão e o público saiu em defesa criando campanha nos blogs, Facebook e Twitter para que o autor Manoel Carlos mantivesse o casal Clara e Marina, apelidado carinhosamente pelos fãs do casal por “Clarina”.

Assim é possível perceber que “as telenovelas ocupam um espaço importante na indústria televisiva de grandes proporções, a novela passou a ser um dos mais importantes espaços de problematização do Brasil, indo da intimidade privada aos problemas sociais” (LOPES, 2009, p.7)

As representações LGBTI+ das Novelas Globais

Nesta seção estamos tomando como base os estudos feitos por Nascimento (2015) em relação aos estudos LGBTI+ em novelas da Rede Globo. De acordo com Nascimento (2015), entre 1970 e 2013, a Rede Globo colocou no ar 62 novelas com 126 personagens LGBTI+. A

⁶ Inclinação involuntária a indivíduos descobrir atração por pessoa de mesmo gênero, gênero oposto ou de vários gêneros (MANUAL, 2018:33)

⁷ Toda e qualquer divulgação de material feita na internet.

primeira novela com personagem LGBTI+ foi ao ar em 1970, com a narrativa *Assim na terra como no Céu*, com o personagem *Rodolfo Augusto*, que vivia um costureiro. A novela foi ao ar às 22h e teve 212 capítulos. Embora tivesse um homossexual na sua trama a novela abordou os temas celibato dos padres e o consumo de drogas.

Em 1974, a novela *o Rebu* trouxe em sua narrativa três personagens homossexuais, sendo duas lésbicas e um gay. Entretanto somente no ano de 1975 em *O Grito*, segundo Nascimento (2015), começou a abordar bandeiras da realidade homossexual que eram: conflitos familiares em relação à sexualidade, preconceito/discriminação contra pessoas homossexuais e de gênero não normativo. Essas abordagens coincidem com o momento que, segundo Balieiro(2011), foi marcado pela reconfiguração dos movimentos gays e lésbicos, ansiosos em desvincular-se da imagem de doença e anormalidade e que segundo Miskolci (2007), foi a década em que Teresa de Lauretis empregou pela primeira vez a denominação teoria *queer* para contrastar o empreendimento analítico que um conjunto de pesquisadores desenvolvia em oposição crítica aos estudos sociológicos sobre minorias sexuais e de gênero⁸.

Segundo Nascimento (2015), a década de 1970 foi marcada por uma presença restrita da classe LGBTI+ nas novelas da Rede Globo, e resumiu-se aos homossexuais com performatividade de gênero *camp*. Já a década de 1980 foi marcada pela presença do personagem Bob Bacall em *Sassaricando* (1987), o 1º personagem negro gay das telenovelas. Este também é o momento que vivências trans⁹ começam a adquirir visibilidade em *Um sonho A Mais* (1985) e com Ninete em *Tieta* (1989), (NASCIMENTO, 2015, p. 100).

Segundo Nascimento (2015), na década de 1990, os papéis de humor e de performatividade *camp* permanecem em destaque. Nesse novo momento, a sexualidade de personagens é revelada de forma gradual e confirmada somente nos últimos capítulos das tramas. Isso cria no público uma empatia fazendo com que os personagens tenham uma aceitação maior.

Parafraseando Nascimento (2015), outro momento importante desta década foi a exibição da novela *Torre de Babel* (1998), que trouxe o casal Rafaela e Leila, duas senhoras, lésbicas, com a sexualidade explicitada no início da novela. Houve uma alta rejeição do público e o casal foi retirado da trama. A novela Torre de Babel acabou se tornando o marco do

⁸ Gênero: Conceito formulado nos anos 1970 baseando-se no raciocínio de que a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura – MANUAL (2018, p.17) para mais, vide Manual de comunicação LGBTI+.

⁹ Trans: Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. MANUAL (2018 p.30)

preconceito e discriminação ao grupo LGBTI+. Nesta década ainda teve a novela *Explode Coração* (1995), que trouxe em sua trama o personagem Sarita, que se definia como homossexual, travesti¹⁰, transexual¹¹ ou *drag queen*¹². Destaca-se ainda a tematização do personagem bissexual¹³, em *Por Amor* (1998), que coloca em pauta a discussão da relação entre um pai e sua família que não o aceita como bissexual. Nos anos 2000, “começa uma transição na forma de abordagem que era majoritariamente *camp*, para padrões heteronormativos” (NASCIMENTO, 2015, p.102).

Em 2005, na novela *América*, a discussão sobre a sexualidade se dá no meio rural: a história de Junior e o Peão Zeca teve bastante relevância nas discussões pelo país. Nas novelas *Páginas da Vida* (2006) e *Paraíso Tropical* (2006), os casais homossexuais traziam características de normatividade, formados por personagens brancos bem-sucedidos, com traços héteros e relações monogâmicas. Nascimento (2015) ressalta que neste momento há uma crítica às abordagens feitas pelas telenovelas, pois pesquisadores acreditam que há uma higienização das sexualidades, por retratarem personagens com características de performatividade de gênero. Esse processo de higienização representando casais homossexuais de classe média alta, brancos e normativos, indica um modelo correto ser homossexual na sociedade.

As críticas de silenciamento de identidades se tornam pertinentes quando se observa que as discussões sobre homossexualidade, preconceito e discriminação ou direitos sexuais são realizadas, preferencialmente por sujeitos com sexualidade mais regulada e dentro da norma. (NASCIMENTO, 2015, p. 103).

Neste período, apesar do crescimento da representação de gays heteronormativos, os gays *camps* continuam nas tramas das novelas, como em *Duas caras* (2007) com o personagem Bernadinho, trazendo a questão de relacionamentos comerciais. Em *Senhora do Destino* (2004), o personagem Uiracy trouxe o debate sobre os direitos sexuais. É importante ressaltar que entre as diferenças de comportamento entre gays *camp* e gays heteronormativos está na maioria dos casos a classe social (NASCIMENTO, 2015, p. 103-104).

As representações de relações lésbicas trazidas por essas abordagens foram mais enfáticas para o debate sobre sexualidade, mesmo tendo menos participações que casais homossexuais formados por homens, a exemplo da novela *Mulheres Apaixonadas* (2003), que

¹⁰ Pessoa que nasceu com determinado sexo, ao qual foi atribuído culturalmente o gênero considerado correspondente pela sociedade, mas que passa a se identificar e construir nela mesma o gênero oposto. (MANUAL, p.38)

¹¹ Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. (MANUA, p.30)

¹² Homem que se veste com roupas femininas de forma satírica e extravagante para o exercício da profissão em shows e outros eventos. (MANUAL, p.28)

¹³ Pessoa que se relaciona afetiva e sexualmente com pessoas de ambos os gêneros/sexo. (MANUAL, p.21)

trouxe a descoberta da sexualidade de mulheres adolescentes e *Senhora do Destino*(2004), que veio com a temática da adoção de uma criança por um casal de lésbicas.

A novela *ti-ti-ti* (2010) trouxe o debate sobre a questão familiar e em 2011 se discute a sexualidade masculina em *Insensato Coração*. Em 2013, a novela *Amor à Vida* trouxe as temáticas relação familiar homossexual, socialização de crianças, sexualidade não normativa, preconceitos e discriminações. Já em 2014 foi ao ar a novela *Em Família*, objeto de pesquisa, que trouxe um casal normativo com o debate de relações familiares e as renúncias para viver um grande amor, com as relações de lésbicas.

Conforme Nascimento (2015), ao longo de quatro décadas houve uma presença maciça de gays com performatividade de gênero *camp* e dentro de um padrão normativo. Já as representações de casais lésbicos e bissexuais foram com predominância normativa.

Sinopse da Novela “*Em Família*” e Caracterização das Personagens Clara e Marina

A novela *Em Família* trazia em sua trama principal a história do amor entre os primos Helena e Laert. A trama se passa em três fases, indo de 1980 até 2014. Começa em Goiás e continua 20 anos depois no bairro carioca do Leblon, no Rio de Janeiro. Já na trama paralela a novela ‘*Em Família*’ (2014) trouxe em sua abordagem as questões homossexuais, a história protagonizada por um triângulo amoroso constituído por um homem (Cadu) e duas mulheres (Clara e Marina), fato incomum em novelas que tratam de questões desse cunho.

FIGURA 1: PERSONAGEM CLARA



FONTE:<http://wp.clicrbs.com.br/noveleiros/files/2014/05/Alex-Carvalho-TV-Globo.jpg>

Na trama paralela, Clara (FIGURA 1) é uma mulher de classe média alta, branca, jovem, recatada, tradicional, sonhadora, casada e tem um filho de sete anos. Mora com o marido e o filho em um prédio da família no bairro carioca do Leblon.

Marina (FIGURA 2) é uma fotógrafa de prestígio internacional, resolvida sexualmente, jovem, solteira, branca, mora em uma mansão e é de classe alta. O primeiro contato de Clara com Marina é através de fotos de Marina publicadas

em uma revista. Clara fica encantada com trabalho da fotógrafa.

FIGURA 2: PERSONAGEM MARINA



FONTE: <https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/em-familia-marina-fica-pobre/>

Marina está com uma exposição na cidade e Clara recebe um convite para o evento. Cadu, marido de Clara, não se anima, mas acaba indo satisfazer a vontade da esposa. Ao chegarem, Marina os observa e vai até eles. Enquanto Cadu fala ao telefone, Marina assedia Clara e faz uma série de perguntas para conhecê-la melhor.

Marina e Clara trocam olhares, Marina chama Clara para passear pelo salão e apresentar uns amigos, no fim, ela convida Clara para ir à recepção do vernissage na casa dela. Clara aceita. Marina a convida para trabalhar no seu estúdio fotográfico com o cargo de assistente, Clara aceita. A partir desse convívio diário, Clara vai (re)descobrir sua sexualidade e elas se apaixonam.

As duas assumem o romance e depois de muitas dúvidas e incertezas se casam com o apoio do filho de Clara (Ivan), da família de ambas, e com o ex-marido de Clara (Cadu) como padrinho de casamento. Neste momento Cadu já refez a vida com a pianista Verônica, ex-mulher de Laert.

Representatividade /Estereótipos :*Em Família e a Relação do Casal “Clarina”*

A novela em questão traz um misto de representatividade e estereótipos das questões LGBTI+, se nos basearmos nos princípios da teoria *queer*, que é um movimento subversivo, que embora não designe um modo de vida incentiva a desconstruir e questionar o que parecia inquestionável. No primeiro momento, o *queer* vai transformar o olhar sobre o sujeito na questão de gênero e sexualidade e o submetimento de pessoas dentro desses campos.

A lógica binária questionada por Butler, que desde sempre rege a lógica das compreensões dos sexos e dos gêneros vai se revelar insuficiente para compreender sujeitos que não se assentam num polo ou no outro, corpos que não se ajustam e sujeitos que vivem desprezando as normas regulatórias da sociedade. E justamente pelo *queer* não se tratar de um movimento pedinte, ele apenas expõe a existência e dizem estou aqui, tentando desconstruir o lugar da contradição. Considerando que a criação de personagens de determinadas grupos têm caráter performativo, entendemos que a novela exerce esse papel de performar as falas desses sujeitos representados nelas e são tributárias de discursos mais amplos, ou seja, como se colocasse pessoas que estão na mesma circunstância em evidência.

A representação produz o sujeito representado, ou seja, no caso da novela, a forma de representação cria uma figura de um determinado grupo para a sociedade e tem o poder de estereotipar ou representar, entendendo que a novela é uma forte influência da sociedade brasileira.

A partir destes princípios, consideramos a relação de Clara e Marina, autêntica. O autor inovou ao trazer um triângulo amoroso lésbico como trama paralela formado por um homem e duas mulheres, sendo uma apresentada inicialmente como solteira e bissexual e outra casada, com filho de 7 anos, que se descobre bissexual ao longo da trama e vive esse amor lésbico. Essa forma de abordagem foi uma quebra de paradigma para a sociedade brasileira. Trago o termo inicialmente porque embora o autor tente trazer uma visão de bissexualidade, isso não se configura na trama, pois Marina não tem relações com homens e Clara não mantém uma relação amorosa com Marina enquanto está casada com Cadu.

Segundo o site Extra os representantes de movimentos LGBTI+, diz que o autor poderia ter entrado para história, por quebrar paradigmas sociais relativos a grupos LGBTI+ devido à ênfase dada a relação lésbica na novela, se não fosse pela forma como se revelou a relação das duas para o grupo, um amor velado e conservador demais. Para Daria Carvalho de Mesquita e Rodrigo Cardoso, a relação de Clara e Marina, carinhosamente apelidadas pelos fãs de “Clarina”, tinha tudo para ser apresentada como geralmente as novelas globais apresentam os romances heterossexuais, sem pudores. A demora para apresentar cenas mais quentes da relação não agradou à integrante da articulação Brasileira de Lésbicas Syr-Daria Carvalho Mesquita, que em entrevista a Gustavo Cunha do site Extra revela que:

houve um retrocesso na representação da homossexualidade nas novelas após o beijo entre Félix e Niko¹⁴. Clara e Marina é um casal esquisito. A relação delas é como se fosse um fetiche de duas mulheres juntas. Elas vivem somente, uma brincadeira, não há amor (CUNHA, 2014)

E ainda segundo Rodrigo Cardoso membro do Grupo Dignidade

Esse amor velado não vai colaborar na construção de uma sociedade sem preconceitos. Parece que há uma má gestão de quem faz a novela, como se estivessem com medo. A novela poderia aprofundar a convivência do casal, porque muitas mulheres sofrem violência por causa disso. (CASTRO, 2014)

¹⁴ Casal homoafetivo que protagonizou a novela *Amor à vida* (2013), e protagonizou o 1º beijo gay da televisão

Embora esses representantes LGBTI+ não tenham levado o casal em consideração, achamos que houve representatividade, pela forma como a relação foi abordada, mostrando que estava se configurando uma relação de amor verdadeiro. Era visível à medida em que os medos, a insegurança, a dúvida, o carinho e o amor entre as duas ia crescendo e se transformando a cada capítulo. Deu um protagonismo às relações homossexuais. Nesse caso as relações lésbicas, que ao longo dos anos foram menos exploradas nas novelas.

Essa abordagem mais explícita fica clara logo no primeiro e segundo encontro das duas personagens que aconteceu no capítulo 10¹⁵ na Vernissage de nus feminino de Marina. A fotógrafa Marina aproveita para flertar com Clara elogiando-a.

Marina: quem é você?

Clara: Como quem sou eu, como?

Marina: É porque eu estou te vendo assim pela primeira vez de perto, mas já te vi em alguma revista, programa de TV ou Jornal?

Clara: Não, você deve estar me confundindo com alguém, porque eu nunca fui fotografada, só nas festas de família lá em casa, mas não...

Marina: Mas agora, você vai ter que me dizer seu nome, e o que é que você faz e como encontrou tanta beleza? [...]

Marina: Vamos que as duas são bonitas, vamos desfilarmos a nossa beleza pelo salão. (elas saem de braços dados) (REDE GLOBO, 2014, cap.10, grifos da autora)

O segundo encontro acontece depois de Marina desmaiar na festa de recepção da exposição. Após um convite de Marina para um almoço, Clara passa só para uma visita. Está levando o filho Ivan para a aula de judô. Marina então, aproveita da sua atual condição de saúde e dá outra investida.

[...]

Marina: Posso te pedir uma coisa

Clara: claro.

Marina: Posa pra mim. Quero fazer umas fotos suas, dessas que revelam até a alma

Clara: (risos) Não, não levo jeito, não, eu sou tímida

Marina: Não Clara, mas eu não vou tirar sua roupa, né [...] quero fazer essas fotos suas para lhe dar de presente.

[.....] Marina convida Clara e a família dela para almoçar

Marina: Desculpa eu ter chamado você para vir aqui, eu sei que devia ter ido ao seu encontro, mas, sempre a beira de um desmaio não dava. mas, eu chamei você porque eu acho que, de todas as pessoas que estavam a minha disposição, você era a que merecia uma atenção especial.

Clara: Imagina! que é isso! tinham tantas pessoas importantes aqui, imagina!

Marina: Tinha muita gente importante aqui, importante para minha cabeça, mas, nenhuma delas era mais importante pro meu coração do que você. (REDE GLOBO, 2014, cap.10, grifos da autora)

Um segundo fato que também consideramos como representatividade, foi trazer um triângulo amoroso lésbico na trama. Apesar da forma de abordagem ter sido criticada pela

¹⁵ Capítulo foi ao ar em 10 de fev. 2014

sociedade, que considerou a história como incentivo ao desmembramento da família tradicional brasileira, é inegável admitir que existem muitas “Claras” na sociedade, que através da apresentação da história se sentiram representadas e encorajadas a deixar fluir seus desejos. No capítulo 58¹⁶ após uma briga com o marido Cadu, Clara declara seu amor a Marina.

Marina: Você é muito corajosa! Não você é louca de ter vindo aqui, depois de tudo que aconteceu.

Clara: Foi coragem não, não foi loucura não, precisava te ver, te abraçar, dizer pra você que eu te adoro, fiquei com muita raiva, muita vergonha e triste com o que aconteceu.

[...] **Marina:** Olha só, o que importa é que você está aqui agora entende? [...]

Clara: Ele percebe né, qualquer pessoa que vê agente se olhando sabe que existe alguma coisa diferente, né?

Marina: E você? Eu quero saber se você percebe esse olhar, você percebe essa diferença?

Clara: Eu gosto, eu sei que o que mais assusta Cadu é esse meu olhar. Está diferente, é isso, isso assusta ele.

Marina: Mas em relação a mim também

Clara: Não! Em relação a ele. (REDE GLOBO, 2014, cap.58, grifos da autora)

Uma história parecida com a da personagem Clara é a relação da qual a novela foi inspirada, a da cantora baiana Daniela Mercury que foi casada durante anos, teve filhos e só depois se descobriu lésbica, ela é casada com a jornalista Malu Verçosa. Também a da Michele da e Priscila que contaram em entrevista a Daniel Castro do jornal Notícias da TV, como começou a sua relação lésbica .

Michele Capistrano e Priscilla Capistrano

A história de Michele, de 27 anos, e Priscilla Capistrano, de 28, parece caso de novela. As duas se conheceram no carnaval de 2010, num bloco em Vila Valqueire, na Zona Norte. Michele já havia rompido o relacionamento com o pai de seu filho — Kayo Henrique Lopes, de 7 anos —, mas continuava a morar com ele. Cuidadora de idosos, Priscilla vivia com o marido há quatro anos, num casamento de corpos separados, como define. Quando as duas trocaram olhares, no meio da folia, foi amor à primeira vista. Ficamos no mesmo dia. Foi maravilhoso. Mas eu precisei chutar o pau da barraca. Como cresci em igreja evangélica, aquilo era uma coisa demoníaca, conta Priscilla, que sofreu ameaças do marido quando revelou tudo: Ele disse que preferiria que eu morresse a me perder para uma mulher. Na família de ambas, a maioria dos parentes virou as costas para elas. O meu pai falou que acabaria com a minha vida se soubesse que eu estava desonrando o nome de Deus, desabafa Priscilla. No fim, as dificuldades nos motivaram ainda mais a ficarmos juntas, opina Michele. Além da tatuagem inspirada nos versos da música Eu sei que vou te amar — tema de abertura da novela das nove, coincidentemente —, as duas selaram o amor com um casamento na Igreja Cristã Contemporânea, em Madureira — instituição evangélica inclusiva frequentada pelo casal. Quem entrou com as alianças no templo foi o pequeno Kayo. Ele insistiu muito para nos casarmos. Hoje, diz orgulhoso que tem duas mães e um pai, conta Michele, entre as brincadeiras do pequeno, no gramado do Parque Madureira. (CASTRO,2014).

¹⁶ Capítulo 58 – Clara corre para os braços de Marina e se declara para ela- Exibido em 10 de abril de 2014

Estes depoimentos nos remete às tensões entre a política queer e os ativistas gays, que Colling (2007b) identifica em seus estudos, demonstrando que nem todos concordam com teoria da performatividade, que personagens normais e sem afetação são representativos.

Outra questão trazida pela novela foi o drama enfrentado para admitir à família a sexualidade e o relacionamento homoafetivo, no caso de Clara revelar a bissexualidade e sua paixão por outra mulher. Como contar para o filho, o marido, os pais? Como assumir publicamente que terá um relacionamento homossexual? São dramas vividos por milhares de pessoas, como, no caso da personagem Clara. No capítulo 85¹⁷ após sua mãe Chica ouvi-la conversando ao telefone, Clara admite que é apaixonada por Marina.

[...]

Chica: Filha tão simples e só confirmar. Então me fala, você está tendo uma relação homossexual com essa moça?

Clara: Não tem relação nenhuma, não aconteceu nada até agora

Chica: Eu nunca proibi você de falar assunto nenhum. Quando você conheceu o Cadu, casou, engravidou eu achei que estava implícito a sua sexualidade.

Clara: E tava!

Chica: Eu sei o que você vai me dizer, que isso pode acontecer em qualquer momento da vida, em qualquer idade, a quaisquer circunstâncias, foi isso que aconteceu com você, deixou de ser hétero para ser homossexual?

Clara: Mãe para com isso, eu não sou nenhuma coisa nem outra, talvez eu seja as duas coisas.

Chica: bissexual

Clara: Acho que é isso

(REDE GLOBO, 2014, cap.85, grifos da autora)

Esse momento em que Clara expressa a sua bissexualidade para teoria *queer* é como se ela estivesse desobedecendo a normatividade social ou seja, quebrando regras.

Quarto ponto de representatividade, foi selar a relação das duas com o casamento, o primeiro casamento gay apresentado nas novelas globais. No final da novela elas se casam, com o apoio da família e dos amigos das duas. Chamando a atenção para uma realidade já presente no nosso país, o casamento homossexual, foi um direito conquistado em 14 de maio de 2013, quando o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) aprovou uma resolução nº 175 do ministro Joaquim Barbosa, que obriga os cartórios do país a realizar o casamento civil e converter a união estável homoafetiva em casamento¹⁸. E a novela chama a atenção para esse ponto, pessoas

¹⁷ Capítulo 85 foi ao ar em 12/05/2014

¹⁸ Para mais vide o Manual de Comunicação LGBTI+ pag. 50

de mesmo sexo podem se casar no Brasil! A cena foi ao ar no capítulo 141 exibido em 16 de julho 2014, e o diálogo da cena deixa isso claro.

[...]

Veronica: Em pensar que há três anos atrás o casamento homoafetivo era proibido no Brasil, né?

Helena: Se todos temos os deveres porque não ter os mesmos direitos?

Veronica: É Verdade. [...]

Juíza do Casamento: É com muita alegria que eu início a cerimônia do casamento de vocês. Marina Meireles e Clara Fernandes, duas pessoas que decidiram em nome do amor, começar uma vida juntas, eu vejo pela alegria de vocês, dos familiares, dos amigos aqui presentes o quanto vocês duas são complementares uma com a outra e acredito que essa união trará mais felicidade à família que irá se formar a partir de agora [...]

Juíza do Casamento: As alianças... De acordo com o que acabaram de afirmar perante a mim eu em nome da lei as declaro casadas, a partir de agora vocês formam uma família legítima perante a nossa sociedade e perante a lei civil[...] Felicidades! (REDE GLOBO, 2014, cap.141, grifos da autora)

Um outro ponto importante foram os beijos trocados pelo casal, o primeiro beijo lésbico ocorreu na novela *Torre de Babel* (1998) entretanto o casal foi imensamente rejeitado, porém na relação de Clara e Marina houve vários beijos como podem ser visto nas figuras:

FIGURA 3, 4 e 5 e algumas cenas que remetiam ao sexo, demonstrando que em uma relação homoafetiva existem carícias, carinho e sexo, como em qualquer relação hétero.

FIGURA 3: CLARA E MARINA SE BEIJAM



FONTE:<https://televisao.uol.com.br/noticias/re-dacao/2014/06/30/internautas-repercutem-beijo-gay.htm>

FIGURA 4: CLARA E MARINA SE BEIJAM-CASAMENTO



FONTE:<http://televisao.uol.com.br/noticias/re-dacao/2014/07/16/brasil-avancou-50-anos-diz-daniela-mercury-sobre-casamento-gay-em-novela.htm?mobile>

FIGURA 3: CLARA E MARINA SE BEIJA -APÓS APROVAÇÃO DA FAMÍLIA



FONTE: <http://www.muza.com.br/2014/07/na-novela-clara-e-marina-se-beijaram-de.html>

Embora a representação normativa seja criticada pela teoria queer, e a novela tenha trazido esse tipo de relação, não consideramos como um estereótipo a forma de representação do casal, tendo em vista que um homossexual pode adotar a forma de viver perante a sociedade seguindo modelos heterossexuais. Isso fica explícito na novela quando as duas se apresentam dentro de uma performatividade de gênero esperada de uma pessoa do sexo feminino. Ambas, eram delicadas e femininas. Segundo Bulter (2003) apud Colling (2007b, p.4) estas formas de representação “ainda que sejam humanizados e apresentem a questão da homossexualidade para a sociedade, acabam por reduplicar a homofobia e o preconceito.” Neste sentido, consideramos que a relação das duas personagens, não reduplicou preconceitos, e sim pontuou que elas têm os mesmos direitos dos héteros de manter suas relações homoafetivas.

Entretanto, essa representação também manteve estereótipos porque trouxe para evidência alguns comportamentos preconceituosos . Em relação à ideologia de gênero, é visível quando a relação delas ficou presa a olhares, até Cadu começar um flerte com a médica Silvia, que fez sua cirurgia de coração. Estratégia pode ter sido utilizada pelo autor para melhorar a aceitação do casal e fazer com que Cadu recomeçasse sua vida, já que o público estava criticando a trama, pois, Clara ia renunciar à família por uma relação homoafetiva. Clara assim teria passe livre para viver esse amor. Nessa abordagem é como se mulheres não tivessem o direito de fazer suas próprias escolhas. Fica claro que numa estrutura normativa e de ideologia de gênero, homens podem terminar um relacionamento e recomeçar sua vida. Mulheres até podem, desde que seus companheiros já estejam fazendo o mesmo. A novela retrata isso quando é Cadu que põe fim ao casamento dos dois.

O normal seria que esta ação partisse de Clara, entretanto ela fica o tempo todo indecisa. Mesmo estando apaixonada por Marina e tendo declarado esse amor, fica presa a um casamento que não lhe satisfaz mais e a uma ideia de família tradicional. Como é possível perceber no capítulo 111 que foi ao ar em 11 de junho de 2014. Após Silvia se declarar para Cadu ele vê Clara e Marina mostrarem intimidade na sua frente e termina o casamento

Cena 1-

Silvia se declara para Cadu.

Silvia: Cadu, eu vim aqui pra te contar que eu terminei o meu noivado

Cadu: O que falta pra você ir atrás da sua felicidade?

Silvia: É isso que eu vim fazer aqui! (Eles se beijam)

Cena 2-

Ao ver Clara e Marina mostrarem intimidade na sua frente, Cadu termina o Casamento.

Cadu: Você não vai sair daqui sem antes falar comigo! Nunca imaginei que o nosso casamento fosse acabar assim. Mas se você não tem coragem de tomar as suas decisões, se você não consegue ser sincera com você mesma, eu faço por nós dois. Nosso casamento termina aqui. (REDE GLOBO, 2014, cap.111, grifos da autora)

Outra influência de estereótipo é que Clara e Marina ficam à espera de uma espécie de aprovação da família, passando assim a imagem do tolerante e do tolerado. Clara comenta que se preocupava que sua mãe não aprovasse seu relacionamento com Marina, e fala que sua mãe aceita porque mudou sua forma de pensar, pois está amando¹⁹, deixando transparecer a ideia do heterossexual tolerante e do homossexual tolerado. Embora esse seja um discurso muito mais político que antropológico e social, salientamos que a questão do tolerante e tolerado não é porque consideramos que héteros tenham que aceitar com normalidade as relações homoafetivas, também entendemos que essa tolerância é um dos estágios iniciais de aceitação que com tempo pode se tornar cotidiana, mas, acreditamos que qualquer tipo de relacionamento não precisa de aceitação de ninguém, somente os envolvidos têm esse direito, embora a família seja importante, não pode ser influente o bastante para validar qualquer relação. A cena delas comemorando a aprovação da família foi ao ar no capítulo 136 exibido em 10 de junho de 2014.

Marina: Engraçado, você tem a sensação de que está vivendo um relacionamento proibido, que a gente dorme juntas mais ninguém pode saber?

Clara: Ninguém pode saber! Todo mundo sabe, até meu filho sabe. Sei lá, mas eu acho que é uma questão de aprovação dos outros, não sei.

Marina: Mas têm alguém da sua família que não aprove?

Clara: Não, minha mãe era a minha única preocupação, mas D. Chica é tão genial, uma cabeça tão jovem, tão pra frente

Marina: Más a D. Chica nos entende, porque ela está amando, um amor lindo, assim igual ao da gente. (REDE GLOBO, 2014, cap.136, grifos da autora)

¹⁹ A mãe de Clara, D. Chica está vivendo um relacionamento na trama

O fato de a novela depender do público para definir o rumo da história que pretende contar influencia no andamento e no desfecho dos personagens, e isso leva a reafirmar alguns tipos de preconceitos e estereótipos. A história de Clara e Marina começou de uma forma tão autêntica que indicava que haveria cenas de beijos quentes, sexo e carícias. Talvez isso tenha frustrado os representantes LGBTI+, pois esperavam uma representação com cenas mais próximas das representações de relações de casais héteros, pois o diferencial é mostrar a forma como se relacionam, como fazem sexo e como vivem, ou seja, como acontece essa relação de gêneros iguais. No momento em que isso não ocorre, existe a frustração. Mas existiram, contudo, aqueles que se emocionaram e aplaudiram a história da forma que foi contada, o que foi mais uma vitória para aqueles que lutam por uma representação e um espaço igual, a qualquer outra pessoa.

Consideramos que a novela teve acertos e erros e, seguindo a teoria *queer*, acredito que influenciou para quebrar paradigmas sociais e subverter a ordem natural do que seria a normatividade. O fato de uma mulher casada ir contra aos princípios normativos e constituir uma nova família não-tradicional foi fortemente representativo.

Considerações Finais

As telenovelas com temáticas homossexuais, ao longo dos anos, trouxeram uma abordagem caricata do gay afeminado com o passar dos anos, mais precisamente na década de 1990, essa forma de abordagem foi dando espaço a gays e lésbicas com características de hétero, ou seja, os gays heteronormativos, seguindo padrões considerados normais para a sociedade, ou seja, um cidadão que trabalha, tem um relacionamento estável e tem características de um homem/mulher hétero.

As telenovelas, não só a abordada neste artigo, como todas as outras produzidas pela Globo, serviram para trazer ao cotidiano dos telespectadores questões pertinentes vividas pelos LGBTI+ diariamente e foram enriquecedoras para o debate social, permitindo assim que fosse constituído um caminho para a discussão do tema.

As telenovelas possuem, de certa forma, “poder” sobre a opinião pública em relação a diversas questões sociais, inclusive a relação homoafetiva, incitando discussões e questionamentos acerca do tema, com caráter de extrema importância para o cenário LGBTI+, contribuindo para a conscientização da sociedade no combate ao preconceito e a discriminação. Porém, em algumas representações, inclusive na novela mencionada, passam a ideia do

homossexual tolerado, que precisa de aprovação para manter sua relação. Vemos na vida real que, embora busquem aceitação, esses casais vivem seu relacionamento independentemente da ideia do outro. Neste sentido a forma de representação fica um pouco prejudicada, pois fornece um misto de representatividade e estereotipia, ou seja, ao mesmo tempo em que mostra o real, ajuda a manter preconceitos e visões distorcidas para o grupo. Porém é interessante que formas representativas sejam mais abordadas como: apresentar uma família formada por casais homossexuais, apresentar casais que se beijam em público, que têm uma vida social ativa, dentre outras, a fim de reafirmar a construção da identidade, em detrimento das imposições normativas da sociedade.

A relação lésbica ainda é um tabu na sociedade, o que causou estranheza no público pela forma como foi apresentada. Em uma abordagem conservadora onde uma mulher que não demonstrava insatisfação com a sua vida familiar e em algum momento descobre uma nova maneira de amar, ia “abandonar” o casamento, o marido com problemas de saúde, e estaria cuidando menos do filho para viver um relacionamento com outra mulher. Isso para a sociedade conservadora indicaria a perda do exemplo de formação da família brasileira. Logo, a novela *Em Família* foi alvo de muitas críticas por abordar a homossexualidade /bissexualidade através do desmembramento de uma família supostamente estruturada e essa forma de abordagem trouxe a discussão da relação homossexual lésbica para evidência, pois não é comum ver mulheres se relacionarem nas telenovelas brasileiras.

Uma outra questão pertinente às representações LGBTI+, é que os autores geralmente utilizam atores héteros para representarem relações homoafetivas. Dessa forma eles apresentam uma imagem de homossexual de acordo as suas vivências, podendo ser estereotipada. Essa situação poderia ser mais representativa se utilizassem atores homossexuais para viverem esses personagens, o que seria muito mais representativo.

A teoria *queer* defende subverter a ordem natural das coisas e seguir o modelo político correto de ser homem e mulher e se comportarem na sociedade. Nesse caso, seria interessante que autores das novelas que trazem esses temas fossem queers, desnaturalizassem suas mentes ao invés dos corpos, e trouxessem relações de casais mais explícitas, com sedução, beijos, uma forma de amor verdadeira e mais próxima do real. É óbvio que a opinião dos espectadores implica diretamente no sucesso de sua obra. Entretanto, no momento que se propõem a contar uma história, que seja a mais real e representativa possível.

É importante que os grupos LGBTI+ continuem militando por espaço e

representatividade. Esperamos que sejam queers, não se deixem subverter ao binarismo e sufocar os desejos. Lutem pela manutenção e conquista de novos espaços, pois afinal de contas toda forma de amor é viável.

Referências Bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. *Comunicação & Educação*, São Paulo, 1 31: 7 a 14, set./dez. 1998

BALIEIRO, Fernando de Figueiredo - O Ponto Q- O quer e o conceito de gênero- Queres Núcleo de Pesquisa em Diferentes gêneros e Sexualidade. 2011. Disponível em <http://www.ufscar.br/cis/2011/10/o-queer-e-o-conceito-de-genero/>
Acesso: 01 de dez.2018.

CASTRO, Daniel. Para lésbicas, namoro velado entre Clara e Marina é fetiche e retrocesso. Notícias da TV – 03 jun 2014. Disponível em <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/para-lesbicas-namoro-velado-entre-clara-e-marina-e-fetiche-e-retrocesso-3625?cpid=txt>, acesso 20 de janeiro 2018.

COLLING, Leandro (2008). Aquenda a metodologia! uma proposta a partir da análise de Avental todo sujo de ovo. *Bagoas: estudos gays - gêneros e sexualidades*, volume 2, número 2, Natal: EDUFRN, p. 153-170.

_____. Mais Definições em Trânsito. Teoria Queer: disponível em <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>. 2007a. Acesso: 23 nov. 2018.

_____. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. *Revista Gênero*, volume 8, número 1, segundo semestre de 2007b, Niterói: EDUFF, pp. 207-222.

CUNHA, Gustavo. De ‘Em Família’ para a vida real: Mulheres contam como descobriram a homossexualidade após amores héteros. EXTRA- MULHER.26.04.14
Disponível em <https://extra.globo.com/mulher/de-em-familia-para-vida-real-mulheres-contam-como-descobriram-homossexualidade-apos-amores-heteros-12297877.html> , aceso em 10 de janeiro 2019

LOPES, Maria Immacolata Vassallo; Telenovela como recurso comunicativo- Matrizes, Ano 3 – Nº 1 ago./dez. 2009. P 21-47

MAKOWIECKY, Sandra: Representação a palavra, a ideia, a coisa. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*. Nº 57 -Dezembro de 2003.

MANUAL DE CONUNICAÇÃO LGBTI+, 2018. Disponível em <https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso 05 de fev de 2019.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização. In: 16º Congresso de Leitura do Brasil, 2007, Campinas. *Anais Eletrônicos do 16º Congresso de Leitura do Brasil*. Campinas: UNICAMP, 2007. Disponível em:

http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf . Acesso em: 22 nov. 2018.

NASCIMENTO, Fernanda. Bicha (nem tão) má LGBTs em telenovelas: Editora Multifoco, Rio de Janeiro, 2015.

PERET, Luiz Eduardo N. Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

REDE GLOBO, Em Família. Rio de Janeiro: Rede Globo 2014. Disponível em <https://globoplay.globo.com/em-familia/p/7853/>. Acesso entre os dias 20 de nov. 2018 e 07 fev. de 2019. Programa de TV.

_____Memoria Globo , Em Família, disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/em-familia/em-familia-fotos-e-videos.htm>. Acesso entre 20 de out. e 10 nov. de 2018.

ROCHA, Cássio Bruno Araujo: Um pequeno guia ao pensamento, aos conceitos e à obra de Judith Butler. Cad PAGU N° 43, Campinas. July/Dec. 2014. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n43/0104-8333-cpa-43-0507.pdf> acesso em nov. de 2018.